

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Cristiane Dória de Mesquita  
Leonardo Luís Silva Borges

**IDENTIDADES COTIDIANAS**

Belo Horizonte  
2022

Cristiane Dória de Mesquita  
Leonardo Luís Silva Borges

## **IDENTIDADES COTIDIANAS**

Documentário apresentado ao Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientador: Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi.

Belo Horizonte

2022

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 OBJETIVO	6
3 METODOLOGIA	7
4 PRODUTO	9
REFERÊNCIAS	10

## 1 INTRODUÇÃO

Em 1931, a antropóloga Margareth Mead (2000) realizou uma pesquisa de campo na Nova Guiné, com o intuito de estudar as diferenças nas personalidades sociais entre os sexos. Para isso, Mead traçou uma comparação entre os comportamentos dos ditos homens e mulheres da cultura ocidental com o observado em três sociedades primitivas: Arapesh, Mundugumor e Tchambuli.

A partir de sua análise, Mead deu início ao questionamento da noção de que os comportamentos e temperamentos ditos femininos ou masculinos são naturais, influenciados pela biologia, abrindo espaço para pensá-los como influenciados pelas normas da sociedade. Tal raciocínio, de certa forma, se repetiria nas primeiras proposições do conceito de gênero e de identidade de gênero, no interior das ciências biomédicas, por John Money e Robert Stoller (OAKLEY, 2017), reforçando o papel da cultura em determinar o que consiste ser um homem ou uma mulher.

O conceito de gênero ganha camadas quando é reivindicado pelas autoras da segunda onda do movimento feminista, como exemplo a antropóloga Gayle Rubin (1993), que em 1975 o difunde em seu ensaio "O tráfico de mulheres: Notas sobre a economia política do sexo". Nele, a autora se baseia na visão de Marx, Levi Strauss e Freud para formular o conceito de sistema sexo/gênero, descrito como sendo estratégias de uma sociedade para transformar a sexualidade biológica em produtos da atividade humana. Isso significa dizer que a partir da divisão sexual do trabalho, da diferenciação das práticas e tarefas do cotidiano, pela bipolarização do masculino e feminino, é que surge o gênero.

Para este trabalho, tomamos como base as proposições da filósofa americana Judith Butler (2018), que utiliza de forma crítica a obra de Rubin e outras produções feministas para investigar as possibilidades de transformação cultural do gênero, a partir dos discursos teatrais, antropológicos, filosóficos e, principalmente, da fenomenologia sobre os atos corporais. A autora entende o gênero como uma repetição estilizada do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora que se solidificam com o tempo e assumem caráter de natural (BUTLER, 2003). Assim, a identidade de gênero, para Butler, é uma realização performativa compelida por sanções e tabus e que, conforme o indivíduo performa os atos estilizados, há o reforço da crença nessa identidade ou consequências punitivas sobre esta.

Sendo a performance a repetição de atos estilizados no tempo, pode-se entender que ela ocorre no dia a dia, no cotidiano de todos os indivíduos, ao se expressar corporalmente, usar certas roupas, frequentar determinados lugares ou se envolver em atividades. Para tanto, Braga e colaboradores (2020) propõem que o gênero participa como elemento central na constituição dos cotidianos. Sendo a vida social organizada pelo ideal de masculino e feminino, necessariamente heterossexual, os autores sugerem que o gênero aparece no cotidiano como padrões e normas de comportamentos pré determinados e que devem ser reproduzidos, em consonância com o proposto por Butler.

O gênero, portanto, é um marcador sócio-histórico que atravessa o cotidiano, mas não só ele. Galheigo (2020) entende o cotidiano como um conceito que compreende as cenas do dia a dia, vivenciadas individual ou coletivamente, e que servem de testemunho de um espaço-tempo marcado pela cultura, classe social, raça, etnia e o próprio gênero.

Em concomitância às ações cotidianas, tem-se o envolvimento do indivíduo em ocupações, atividades centrais e que contribuem na construção de significado e no senso de competência (AOTA, 2020). Morrison e colaboradores (2017) apontam a complexidade das ocupações, ao: possuir significado atribuído (por sujeitos, famílias e comunidades); dar suporte às atividades de automanutenção da vida; contribuir na estruturação da vida prática e; direcionar hábitos, rotinas e significados ao cotidiano.

Retomando a noção de performance proposta por Butler, Cerón e Morrison (2019) propõem que as ocupações expressam os gestos, os movimentos e as ações concretas que as pessoas desempenham para construir seu gênero. Assim, as ocupações participam na construção cotidiana do gênero, através de atos performativos que constituem ocupações generificadas (CERÓN; MORRISON, 2019), ou seja, ocupações que possuem marca de gênero.

Então, partindo da ideia de que as ocupações participam na construção do gênero no cotidiano pelos atos performativos, os mesmos que constituem a identidade de gênero, compreende-se que há uma relação entre essas identidades e as ocupações cotidianas. A questão que surge é: como as identidades de gênero são influenciadas e influenciam as diferentes ocupações cotidianas?

## **2 OBJETIVO**

Produzir um documentário em que se possa identificar e descrever como indivíduos percebem diferentes identidades de gênero e como elas são influenciadas e influenciam as suas ocupações cotidianas.

### 3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de metodologia qualitativa, com observação direta em campo e caráter longitudinal. A escolha desse método se justifica por permitir a aproximação da história, das relações, representações e percepções de pessoas e grupos, entendendo que a partir das experiências de vida os indivíduos produzem seus próprios sentidos e significados (CAPRARA; LANDIM, 2008; MINAYO, 2010).

Os participantes da pesquisa foram selecionados através do método Bola de Neve, forma não probabilística de composição da amostra em que se usa de cadeias de referência para alcançar os sujeitos (VINUTO, 2014). O processo de seleção foi iniciado com informantes-chaves, ou sementes, que indicaram outras pessoas, dentro dos seguintes critérios: ter identidades de gênero distintas, a partir de autodeclaração; idade superior a 18 anos; residir em Belo Horizonte ou região metropolitana e concordar em participar voluntariamente do estudo. Ao fim, foram selecionadas três pessoas para compor a amostra.

Considerando a pesquisa qualitativa como metodologia do estudo, o quantitativo de participantes não prevê a generalização dos dados obtidos, mas sim do método, além da possibilidade de identificar aspectos relativos às questões levantadas ao longo do processo. Dito isso, não espera-se que este trabalho esgote o tema de pesquisa.

Posteriormente à seleção, foi realizada a coleta de dados estruturada em três momentos, gravados em vídeo, tendo como produto final a elaboração de um documentário, a ser entregue como Trabalho de Conclusão de Curso. A princípio, será realizado um encontro individual com a utilização de entrevista semiestruturada. Esta escolha se deu devido a possibilidade desse método dar foco na experiência individual dos participantes, bem como permitir maior flexibilidade quanto ao discurso, o que viabiliza ao entrevistado introduzir situações relevantes ao tema, sem que os entrevistadores percam a condução (MORÉ, 2015).

Já no segundo momento, os pesquisadores realizarão observação participante dos sujeitos em seu cotidiano a partir dos dados coletados durante a entrevista, visando adentrar nas diferentes ocupações que emergirem. Essa forma de observação é caracterizada por sua possibilidade de gerar conhecimento sobre a vida humana com base nas ações cotidianas, como aponta Nogueira-Martins e Bógus (2004).

Por fim, foram selecionadas, através do método Bola de Neve, três discentes do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, em diferentes períodos da

graduação, para realizar uma discussão em conjunto sobre como a relação entre identidade de gênero e ocupações têm sido abordada no percurso curricular.

Em relação aos aspectos éticos, todos os participantes deverão assinar um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e um termo de uso de imagem, voz e apresentação. Por fim, informamos que este estudo faz parte do projeto de pesquisa intitulado "Práticas artesanais e a produção de significados e individualidades", sob responsabilidade do professor Alessandro Tomasi e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais sob o parecer número 3.964.176 de 10 de abril de 2020.

## **4 PRODUTO**

Documentário ãIdentities cotidianasö.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION (AOTA). Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process. **American Journal of Occupational Therapy**, Bethesda, v. 74, n. 2, p.7412410010, 2020.
- BRAGA, I. F., MELO, K.M.M., MONZELI, G.A., JUNIOR, J.D.L., FARIAS, M.N., CORREIA R.L. Crise da democracia brasileira e o cotidiano de pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades: reflexões baseadas na terapia ocupacional social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional** [online], v. 28, n. 2, p. 693-705, 2020.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Traduzido por: Dias, Jamille Pinheiro. **Cadernos de Leituras** [online]. n. 78, p. 1-16, 2018.
- CAPRARA, A.; LANDIM, L.P. Etnografia: usos, potencialidades e limites na pesquisa em saúde. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.12, n.25, p.363-76, 2008.
- CERON, N.P; MORRISON, R. Patriarcado, masculinidad hegemónica y ocupaciones: procesos de perpetuación del sexismo. **Revista Argentina de Terapia Ocupacional** - Año 5, n.1 - Julho 2019 - ISSN 2469-1143.
- GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional** [online], v. 28, n. 1, p. 5-25, 2020.
- MEAD, M. **Sexo e Temperamento**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2000.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- MORÉ, C.L.O.O. A entrevista em profundidade ou o semi-estruturada, no contexto da saúde. **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**. v.3, 2015.
- MORRISON, R., GÓMEZ, S., HENNY, E. TAPIA, M.J., RUEDA, L. Principal approaches to understanding occupation and occupational science found in the Chilean Journal of Occupational Therapy (2001-2012). **Occupational Therapy International**, v. 2017, 11 p., 2017.
- NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F.; BOGUS, C. M. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 13, n. 3, p.44-57, set./dez. 2004.
- OAKLEY, A. Sexo e Gênero. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 4, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30206>. Acesso em: 12 abr. 2022.
- RUBIN, G. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a Economia Política do Sexo. Recife: Editora SOS Corpo, 1993.
- VINUTO, J. Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**. Campinas, v. 22, n.44, p. 203-220, 2014.